

SALVADOR, 6 de novembro de 1966

Meu caro Cosme,

novamente agradeço as felicitações de vocês por minha entrada na Academia e mando uma página de "A TARDE", com 2/3 do discurso de posse. Vou imprimi-lo integralmente. Mas dê logo sua opinião, até receber o exemplar definitivo.

Segue o conhecimento dos filmes poloneses. É a melhor forma de você exigir aí a entrega. Pois acrescento as seguintes informações: eles fizeram parte do manifesto 07918, de 22 de julho, que incluía um total de onze volumes (entre eles, o nosso). Seguiram no carro nº 10.119, que teve por motorista Souza. Assim, pelo que você vê, não houve erro baiano. O erro, desta vez, foi carioca, da estação rodoviária do Rio de Janeiro, do Expresso Guanabara. Faço grandes votos de que vocês descubram aí os filmes, pois espanta que desconheçam a chegada de filmes que saíram daqui e deviam estar aí na rodoviária. Eu posso imaginar como vocês estão inquietos. E se o Expresso tiver desviado os filmes?

Felizmente, pelo que você conta em sua carta de 22/10, a experiência Cinema de Arte está vencendo como a única forma atualmente válida de levar para diante o movimento cineclubístico. Aqui, por exemplo, há um ~~in~~ inequívoco apoio do público. Nossa dificuldade, além de arranjar filmes para uma programação contínua, consiste agora em ter uma sala própria capaz de nos dar um funcionamento não apenas aos sábados pela manhã, porém todos os dias e em sessões várias, o filme conservando-se em cartaz enquanto houvesse espectadores que sustentassem as despesas. E talvez que ainda venha a conseguir baianos endinheirados que concordem comigo. Estou portanto inteiramente de acordo com você quanto à urgência de se pôr em comum a experiência das várias cidades onde já existem vitoriosamente os cinemas de arte. E a idéia de uma "central programadora" é uma boa saída. Outra a se aproveitar é a do Gastal: creio que vou partir para ela. Sem destruir o Clube de Cinema, fundar uma sociedade em bases mais amplas. Também julgo que a Federação seja necessária. Mas numa segunda etapa. Porque antes o problema deve

ser a consolidação dos próprios cinemas de arte. Consolidados, marchariam para a Federação. Porque a cúpula do sistema só pode vir, é claro, depois. Por isso mesmo, engendo ser preciso convencer o pessoal dos outros cine-clubes importantes a adotar a idéia. Ter a humildade de não ser mais um cine-clube fechado, abrir-se ao público em geral que deseje um cinema culturalmente menos limitado. Se vocês da Cinemateca pudessem convocar uma reunião nacional para tanto seria ótimo. Cada um de nós diria a sua experiência e fundiríamos todas.

Conseguimos sair do impasse de programação que tanta aflição nos deu. Retomamos o bom curso de antes. Nos dois últimos sábados, exibimos Salvatore Giuliano e As noites de Cabiria. E novembro verá O assassino, As amigas e A moça com a valise. Para dezembro, espero Johnny Guitar e Os sete samurais. Se fôr boa a cópia de Brinquedo Proibido vocês podem mandá-la em dezembro? Terão, como sempre, 40% da renda líquida.

Aquêles programas em 16 mm. não podem vir? Vocês nos tinham prometido. E aqui mais de uma vez falamos sobre eles. Não nos deixem mal.

Na carta anterior, autorizei a remessa de cinquenta exemplares do caderno da Cinemateca. Que preço devemos cobrar? E quando virão eles? Janeiro e fevereiro serão meses de férias do Cinema de Arte.

O que houve com o filme paraibano que não entrou no Festival JB?

Abrços para o Wilson.

Tôda a amizade do